



Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai - IDEAU



REI

REVISTA DE EDUCAÇÃO DO IDEAU

Vol. 6 – Nº 14 - Julho - Dezembro 2011

Semestral

ISSN: 1809-6220

Artigo:

O TRABALHO SOBRE SEXUALIDADE NAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE CAMPO MOURÃO- PR NA CONCEPÇÃO DOS GESTORES EDUCACIONAIS

Autoras:

Amanda Caroline Carneiro Verussa¹

Cherlei Marcia Coan²

¹ Aluna do curso de Pós Graduação em Educação: Ensino e Docência da Faculdade Integrado de Campo Mourão. E-mail: amandinhaverussa@hotmail.com

² Licenciada em Ciências Biológicas, Mestre em Educação, professora dos cursos de Pedagogia e Agronomia da Faculdade IDEAU - Getúlio Vargas/RS. E-mail: cherleimc@hotmail.com

O TRABALHO SOBRE SEXUALIDADE NAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE CAMPO MOURÃO- PR NA CONCEPÇÃO DOS GESTORES EDUCACIONAIS

Resumo: Esta pesquisa teve por objetivo caracterizar o trabalho de orientação sexual desenvolvido pelas escolas municipais de Campo Mourão/ PR, segundo relato dos gestores educacionais. Procurou-se identificar se a proposta de orientação sexual desenvolvida pelas escolas envolvidas na pesquisa contempla as características recomendadas pelos PCNs. Trata-se de uma pesquisa de enfoque metodológico qualitativo e quanto aos objetivos é uma pesquisa diagnóstico-avaliativa. O trabalho foi desenvolvido em três etapas: 1ª) identificaram-se as escolas da rede pública municipal que atendem alunos dos anos finais do ensino fundamental e foi realizado o contato com os gestores educacionais a fim de apresentar à proposta de pesquisa; 2ª) ocorreu a aplicação de questionários para a coleta de dados; 3ª) foi realizada uma análise textual rigorosa e criteriosa das informações segundo três categorias dentre aquelas apontadas pelos PCNs como necessárias ao desenvolvimento do tema: transversalidade como perspectiva didática; domínio de conteúdo específico acerca do tema da sexualidade; abordagem sistêmica do tema e visão positiva da sexualidade. Através das análises realizadas, percebe-se que a sexualidade é pouco ou quase nada discutida e quando tratada é vinculada à genitalidade e a reprodução, ficando a cargo do professor de ciências abordá-la em suas aulas. O estudo demonstrou que não existem programas e projetos de orientação sexual desenvolvidos pelas escolas e as questões são abordadas de modo pontual e sem perspectiva de processo.

Palavras-chave: Orientação sexual; Gestores educacionais; Currículo escolar.

THE WORK ON SEXUALITY IN THE MUNICIPAL SCHOOLS FROM CAMPO MOURÃO IN THE CONCEPTION OF THE EDUCATIONAL MANAGERS

Abstract: This research had the objective of defining the work of sexual orientation developed by the municipal schools from Campo Mourão, state of Paraná, according to a report of the educational managers. It was expected to identify if the proposal of the sexual orientation developed by schools involved in the research contemplate the recommended characteristics by the PCNs. It is a research of qualitative methodological focus and about the objectives, it is a diagnostic-assessment research. The work was developed in three phases: 1nd) The municipal public schools which attend the students of the years of elementary school were identified and the contact with the educational managers was gotten in order to present the research proposal; 2nd) Questionnaires for data collecting were applied; 3rd) An strict textual analysis of the information was done according to three categories among those pointed by the PCNs as necessary for the theme development: transversality as didactical perspective; control of specific content about the sexuality topic; systematic presentation of the issue and a positive view of the sexuality. Through the analysis done, it is noticed that sexuality is little or hardly ever discussed and when it is treated, it is associated to the genital parts and reproduction, getting the Science teacher responsible for teaching it in the classes. The study showed that there are not programs or projects of sexual orientation developed by the schools and the questions are presented in a punctual manner and without the perspective of the process.

Key words: sexual orientation; educational managers; school curriculum.

1 INTRODUÇÃO

A sexualidade tem grande importância no desenvolvimento e na vida psíquica das pessoas, pois independentemente da potencialidade reprodutiva, relaciona-se com a busca do prazer, necessidade fundamental dos seres humanos. Nesse sentido, a sexualidade é entendida como parte do processo evolutivo do ser humano, que se manifesta desde o momento do

nascimento até a morte, de formas diferentes a cada etapa do desenvolvimento (BRASIL, 1997). Além disso, sendo a sexualidade construída ao longo da vida, encontra-se necessariamente marcada pela história, cultura, ciências, assim como pelos afetos e sentimentos, expressando-se então com singularidade em cada sujeito. Dessa forma, a proposta de orientação sexual considera a sexualidade nas dimensões biológica, psíquica e sociocultural, portanto está intimamente ligada a formação integral do indivíduo.

A abordagem do tema sexualidade provavelmente seja um dos aspectos mais difíceis de lidar, tanto pelos pais, como pelos profissionais da educação e saúde, pois implica trabalhar com dificuldades pessoais e informações inadequadas ou insuficientes. Sabe-se que muitos pais e educadores restringem o tema ao seu aspecto biológico, no entanto essa postura ligada apenas à reprodução ou mesmo ao risco que o adolescente se expõe de acordo com seu comportamento não correspondem às necessidades do jovem, uma vez que os aspectos como afetividade, envolvimento e prazer fazem parte do universo que o jovem vivencia nesta fase de vida.

A sexualidade não se limita à natureza biológica do sexo, vai muito além, envolvendo “[...] uma série de crenças, comportamentos, relações e identidades socialmente construídas e historicamente modeladas (WEEKS, 2001). Já o sexo é a denominação do nosso aparato biológico, anatômico, que nos diferencia entre homens e mulheres. No entanto, as diferenças entre o masculino e o feminino não são apenas de ordem física e biológica, ou seja, “a diferença sexual anatômica não pode mais ser pensada isolada do ‘caldo da cultura’ no qual sempre está imersa. Falar de relações de gênero é falar das características atribuídas a cada sexo pela sociedade e sua cultura (LOURO, 2001 apud CARVALHO, 2008). A abordagem exclusivamente biológica da sexualidade pode, assim, ser considerada como insuficiente, além de fragmentada e, certamente, não responde a ansiedade e curiosidade dos adolescentes.

Por esse motivo, muitos autores (RIBEIRO, 1990; SAYÃO, 1997) colocam a necessidade de que os pais assumam o papel de educar seus filhos e de que a escola desenvolva programas de orientação sexual. Sabemos que o tema da sexualidade está presente em diversos espaços escolares, ultrapassa fronteiras disciplinares e de gênero, permeia conversas entre meninos e meninas e é assunto a ser abordado na sala de aula pelos diferentes especialistas da escola; é tema de capítulos de livros didáticos, bem como de músicas, danças e brincadeiras que animam recreios e festas (YUS, 1998).

A família brasileira, sobretudo, do sul do Brasil, é geralmente repressora quando se trata de questões sexuais. As formas de repressão que se apresentam vão desde a negação pura

e simples, que passa à criança e ao jovem uma noção assexuada da família, até a clássica proibição que acaba por convencer o indivíduo de que o sexo é sujo, vergonhoso e pecaminoso (RIBEIRO, 1993). É fundamental, na escola, a oferta de um espaço onde as crianças e adolescentes possam esclarecer suas dúvidas e continuar formulando novas questões sobre sexualidade. Isto contribui para o alívio de ansiedades e tensões que, muitas vezes, interferem no aprendizado dos conteúdos escolares (FIGUEIREDO, 2000).

Entende-se por orientação sexual “uma intervenção institucionalizada, sistematizada, organizada e localizada com a participação de profissionais treinados para este trabalho (CARVALHO, 2008 apud RIBEIRO, 1990). O trabalho pode ser realizado por educador ou outro profissional preparado para uma ação contínua e permanente, visando à reflexão não apenas dos comportamentos de risco, mas, principalmente, da afetividade, do prazer, do envolvimento, da responsabilidade, dos direitos humanos e do respeito entre as pessoas. É ressaltado por Aquino que:

Algumas escolas, já atentas aos problemas, se esforçam para contratar serviços de orientação sexual com profissionais preparados para tal. Mas quase sempre, essas situações são pontuais, o que, certamente, alcança um grau de êxito que, aos poucos, vai se diluindo e se perdendo no tempo, por não se constituir em um processo. Os profissionais da área sabem que apenas um trabalho que tenha continuidade pode ter resultados (AQUINO 1997, p. 101).

A diferença entre educação sexual e orientação sexual é que, a primeira, diz respeito à família, à escola e à sociedade como um todo, fazendo parte mesmo antes do nascimento do jovem. Envolve a moral sexual vigente na família e na sociedade, a maneira de ver a masculinidade e a feminilidade, enfim, as expectativas sobre a sexualidade do indivíduo. A segunda é um espaço que tem dentro da escola para discussão sobre essa educação. É um ambiente para a informação, para que o jovem possa se apropriar dessa informação e transformá-la em conhecimento (SUPLICY, 1999). Portanto, a educação sexual inclui todo o processo informal pelo qual o indivíduo aprende sobre a sexualidade ao longo da vida.

Nos dias de hoje, os meios de comunicação, especialmente, a televisão e a internet, tem ocupado de modo privilegiado o espaço de formação da criança e do adolescente no que diz respeito à sexualidade, isto, em parte, seja reflexo da omissão que ocorreu por muitos anos da escola e da própria família. Os jovens têm recebido um alto conteúdo sexual nas programações e propagandas veiculadas pela TV, através de mensagens que valorizam o sensacionalismo, a erotização, as relações casuais, estabelecendo-se uma relação direta com

características do comportamento adolescente: tendência grupal, onipotência, atemporalidade e pensamento mágico.

Torna-se imprescindível um trabalho sério e comprometido de orientação sexual que construa uma imagem positiva da sexualidade e ajude o jovem a pensar e fazer escolhas responsáveis a respeito de seus hábitos sexuais e até da sua identidade sexual. Sendo o trabalho do dia a dia na escola realizado pelos professores, que mantém com os alunos uma relação de grande proximidade, são eles, os profissionais que poderão contribuir para que seus alunos tenham uma visão positiva e responsável da sexualidade (AQUINO, 1997). Isso se resume em uma formação que inclua:

1. [...] conhecimentos gerais de anatomia, fisiologia, psicologia do desenvolvimento, psicologia da infância e da adolescência, psicologia das relações humanas, aconselhamento psicológico;
2. Conhecimentos específicos de sexualidade humana (desenvolvimento psicossocial transmissíveis);
3. Conhecimentos didáticos que incluam didática da orientação sexual, dinâmica de grupo, metodologia do ensino;
4. Que toda esta formação seja permeada com uma postura crítica que provoque reflexão e questionamentos, para que o educador sexual reformule suas atitudes frente aos sexo, reveja tabus e preconceitos e seja capaz de tratar com naturalidade os alunos e suas questões polêmicas (CARVALHO, 2008 apud REIS e RIBEIRO, 2002).

Para orientar os profissionais nesse trabalho arduo de orientação sexual, foi criado os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), desenvolvido pela Secretaria de Educação Fundamental, órgão ligado ao Ministério da Educação e Desporto, com o principal objetivo de auxiliar as discussões pedagógicas escolares, dividido em 10 (dez) volumes, cujo décimo trata a respeito da Pluralidade Cultural e Orientação Sexual.

De acordo com os PCN (BRASIL, 1997), os três eixos básicos para a orientação sexual são: Corpo – Matriz da sexualidade, Relações de gênero e Doenças Sexualmente Transmissíveis. *O corpo humano* deve ser abordado a partir da noção do corpo integrado, que deve ser conhecido em seus aspectos biológicos e eróticos, emocionais, uma imagem corporal positiva, que tem sensações de prazer e desprazer, as informações desse corpo ao longo da vida, os cuidados necessários para a promoção da saúde e a ação dos métodos contraceptivos. Quanto às *relações de gênero*, é fundamental a compreensão do tema para sua inclusão e diz respeito ao conjunto das representações sociais e culturais, construídas a partir da diferença biológica de sexo. Avaliar criticamente a diferenciação entre os sexos como oriunda da “natureza”. Se o sexo diz respeito ao atributo anatômico, no âmbito do gênero tomamos o desenvolvimento das noções de masculino e feminino como construção social. Já a *prevenção*

das doenças, deve ser enfocada na promoção de condutas preventivas. Dados o tempo de permanência dos jovens na escola constitui-se em local privilegiado para abordagem da prevenção de doenças sexualmente transmissíveis. Sendo também discutidos os preconceitos ligados à AIDS, que atingem os doentes e os portadores de HIV.

Enfim, os trabalhos com sexualidade na escola podem ser bastante diversificados, devemos quebrar o tabu que somente os professores de ciências, biologia ou Educação Física devem trabalhar sobre esse assunto. É a postura do professor que o faz capaz de se qualificar e poder orientar seus alunos sexualmente.

Esta pesquisa teve por objetivo caracterizar o trabalho de orientação sexual desenvolvido pelas escolas municipais de Campo Mourão/ PR, segundo relato dos gestores educacionais. Procurou-se identificar se a proposta de orientação sexual desenvolvida pelas escolas envolvidas na pesquisa contempla as características recomendadas pelos PCN.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Buscou-se por meio desta pesquisa caracterizar o trabalho de orientação sexual desenvolvido pelas escolas municipais de Campo Mourão/ PR, segundo relato dos gestores educacionais. Todas as escolas públicas municipais foram envolvidas no trabalho, totalizando cinco escolas: Escola Municipal Cidade Nova; Escola Municipal Manoel Bandeira; Escola Municipal Manoel Miranda Quintana; Escola Municipal Ethanil; Escola Municipal Caetano Munhoz.

Na pesquisa as fontes de informação foram envolvidos no trabalho, os diretores e orientadores pedagógicos dos anos finais do ensino fundamental das cinco Escolas Municipais de Campo Mourão. Esses sujeitos responderam a um questionário composto por onze questões abertas. Além dos participantes foi utilizado como fonte de informação, o documento dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Orientação Sexual. Como Bello relata:

O questionário, numa pesquisa, é um instrumento ou programa de coleta de dados. Se sua confecção é feita pelo pesquisador, seu preenchimento é realizado pelo informante. A linguagem utilizada no questionário deve ser simples e direta para que o respondente compreenda com clareza o que está sendo perguntado (2004)

Com a aplicação do questionário procurou-se investigar quem é responsável por desenvolver o trabalho de orientação sexual na escola, quais conteúdos relacionados ao tema são incluídos no currículo, que atividades são realizadas pela escola, se há alguma orientação aos professores acerca de como conduzir o tema junto aos alunos, quais as dificuldades que os

professores encontram para trabalhar o assunto, se existe alguma experiência significativa que tenha acontecido na escola e de que modo é possível melhorar o trabalho de orientação sexual na escola.

Trata-se de uma pesquisa de enfoque metodológico qualitativo e quanto aos objetivos é uma pesquisa diagnóstico-avaliativa. O trabalho foi desenvolvido em três etapas. Na primeira, foi realizada a identificação junto a Secretaria Municipal de Educação das escolas da rede pública municipal de Campo Mourão/PR que atendem alunos dos anos finais do ensino fundamental. A partir deste levantamento foi realizado o contato com os gestores educacionais das escolas selecionadas e apresentada à proposta de pesquisa aos mesmos.

Na segunda etapa ocorreu a aplicação de questionários para a coleta de dados sobre o trabalho referente à orientação sexual realizado na escola. Foram entregues 15 (quinze) questionários, aos diretores e coordenadores pedagógicos das escolas envolvidas, entre os dias 10 de agosto a 30 de agosto de 2010. Do total de questionários entregues, retornaram até o prazo de entrega e conclusão deste trabalho apenas 7 (sete) questionários respondidos. Para a organização das informações obtidas com a aplicação dos questionários foi elaborado um quadro, no qual foram registradas todas as respostas dadas, segundo os procedimentos a seguir:

1. Digitação da identificação da pergunta do questionário na primeira linha
2. Digitação da identificação do questionário (EST_CONC_01, EST_CONC_02, etc), na primeira coluna;
3. Digitação na íntegra das respostas, na segunda coluna.

Na terceira etapa foi realizada uma análise textual rigorosa e criteriosa das informações presentes nos questionários obtidos junto às escolas, para isto, seguiram-se os procedimentos de análise textual descritos por Richardson (2010), e realizou-se uma análise das respostas para identificar como está a educação sexual dos alunos e como os gestores estão trabalhando com as diversas situações que ocorrem na escola em relação aluno/professor e professor/educação sexual. Também foi proposto um confronto entre a proposta das escolas envolvidas e as recomendações dos PCN's e dos pesquisadores da área para a inserção da temática no programa escolar. Foram selecionadas três categorias dentre aquelas apontadas pelos PCN's como necessárias ao desenvolvimento do tema: transversalidade como perspectiva didática; domínio de conteúdo específico acerca do tema da sexualidade; abordagem sistêmica do tema e visão positiva da sexualidade.

3 ANÁLISE DOS DADOS

Fizeram parte da pesquisa sete profissionais da educação, sendo cinco do sexo feminino e dois do sexo masculino. A faixa etária dos sujeitos da pesquisa encontra-se entre 25 a 50 anos de idade, sendo que do total 4 (quatro) dos entrevistados tem entre 40 e 50 anos. Este é um dado importante a ser considerado tendo em vista que estes educadores foram educados em uma sociedade mais repressiva no que diz respeito à sexualidade e podem apresentar valores e princípios diferentes do paradigma atual. Os participantes foram selecionados pelo fato de atuarem na direção ou coordenação pedagógica das cinco escolas municipais de Campo Mourão-PR estudadas. Estes representam uma equipe heterogênea na qual 4 (quatro) dos 7 (sete) são pedagogos, 2 (dois) geógrafos e 1 (um) educador físico. Quanto à especialização, 6 (seis) dos docentes concluíram os estudos na área da educação e 1 (um) defendeu o mestrado também na área da educação.

Mesmo ocupando atualmente cargos de dirigentes, todos os profissionais já lecionaram em diversas disciplinas desde a alfabetização, a disciplinas específicas como Geografia, Educação Física, Matemática, História, Filosofia, Ensino Religioso e Ciências.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) estabelecem a orientação sexual como um dos temas transversais e, por sua complexidade, contempla as mais diversas áreas de conhecimento, mas comumente é associada aos conteúdos dos sistemas reprodutores abordados em Ciências e Biologia nos ensinos fundamental e médio, respectivamente. Analisando o questionário notamos que 100% dos gestores educacionais apontam a responsabilidade no desenvolvimento da orientação sexual do aluno, ao professor de ciências. Aproximadamente 43% (ou seja, 3 questionários) consideram que juntamente com os professores de ciências, os profissionais da saúde (médico, psicólogo ou enfermeiro) estão melhor preparados para abordar o assunto, o que indica legitimar ações de caráter pontual e desconsiderar a importância de uma intervenção sistemática e contínua por todos os profissionais da escola.

Essa abordagem fragmentada normalmente não contempla as ansiedades e curiosidades das crianças e adolescentes, pois enfoca apenas o corpo biológico e não inclui a dimensão psicológica e sócio-cultural da sexualidade. A oferta, por parte da escola, de um espaço em que as crianças possam esclarecer suas dúvidas e continuar formulando novas questões, contribui para o alívio das ansiedades que muitas vezes interferem no aprendizado dos conteúdos escolares (BRASIL, 1997).

Para que os objetivos do trabalho com orientação sexual na escola sejam alcançados, profissionais de diferentes áreas ou funções na escola devem se comprometer, ou seja, o orientador educacional, o coordenador pedagógico ou psicólogo, professores das mais diversas áreas: geografia, arte, matemática, educação física, língua estrangeira e ciências naturais, entre outros. Devem repensar sua prática educativa e assumir-se como corresponsáveis pela formação sexual dos alunos, e não simplesmente colocar a responsabilidade dessa formação para os professores de ciências. É claro que em momentos oportunos, a partir de um trabalho anterior a intervenção pontual de um profissional da saúde sem dúvida poderá contribuir para sanar dúvidas de debates específicos ocorridos em sala de aula. Para isso, o profissional da saúde deveria ser orientado quanto aos tópicos a serem abordados, o perfil dos alunos, a linguagem adequada às séries envolvidas.

Cabe ressaltar que o importante não é a área de origem, mas sim que o profissional apresente algumas características apontadas pelo próprio documento dos PCN, tais como: clareza, flexibilidade, prática dialógica, atitude de acolhimento às expressões dos educandos, disponibilidade para ouvir e responder (BRASIL, 1997). Estas características irão configurar-se um ambiente de confiança entre os sujeitos, onde todos possam se expressar, sem impor opiniões, estes ambiente vão se configurando e ressignificando valores. Não é possível imaginar o outro como conteúdo vazio a ser preenchido com valores do professor, ambos têm uma história de vida, que influencia no exercício da sexualidade e o diálogo deve respeitar a pluralidade ampliando as possibilidades de compreensão e experiências diferentes de cada indivíduo. Portanto, o professor ser da área de ciências (comumente associada à sexualidade), não constitui pré-requisito, sendo que não se trata de abordagem predominantemente biológica da sexualidade.

Os adolescentes têm todo o direito ao prazer. Precisam aprender a considerar, também, os aspectos reprodutivos de sua sexualidade genital e, portanto, agir responsabilmente, prevenindo-se da gravidez indesejada e das doenças sexualmente transmissíveis/Aids. A sexualidade envolve pessoas e, conseqüentemente, sentimentos, que precisam ser percebidos e respeitados. Envolve também crenças e valores, ocorre em um determinado contexto sociocultural e histórico, que tem papel determinante nos comportamentos. Nada disso pode ser ignorado quando se debate a sexualidade com os jovens. O papel de problematizador e orientador do debate, que cabe ao educador, é essencial para que os adolescentes aprendam a refletir e tomar decisões coerentes com seus valores, no que diz respeito à sua própria sexualidade, ao outro e ao coletivo, conscientes de sua inserção em uma sociedade que incorpora a diversidade (BRASIL, 1997, p. 303).

Considerando que todo o grupo deve desenvolver o tema por meio do enfoque da sua área curricular é imprescindível que o conhecimento construído com o aluno tenha um

embasamento científico, e deve-se criar um ambiente propício para que haja discussões, debates sobre o assunto apresentado e demais assuntos que irão surgindo, para que, assim, o aluno crie uma opinião coerente. Neste sentido, ressalta-se a importância da formação continuada e da melhoria das reais condições de trabalho dos professores. De acordo com os PCNs,

Para um consistente trabalho de Orientação Sexual, é necessário que se estabeleça uma relação de confiança entre alunos e professores. Os professores precisam se mostrar disponíveis para conversar a respeito dos temas propostos e abordar as questões de forma direta e esclarecedora, exceção feita às informações que se refiram à intimidade do educador. Informações corretas do ponto de vista científico ou esclarecimentos sobre as questões trazidas pelos alunos são fundamentais para seu bem-estar e tranquilidade, para uma maior consciência de seu próprio corpo, elevação de sua auto-estima e, portanto, melhores condições de prevenção das doenças sexualmente transmissíveis, gravidez indesejada e abuso sexual (BRASIL, 1997).

Dentre algumas das opções apontadas pelos PCN para a Orientação Sexual, está a de integrá-la através da transversalidade, de forma que tanto a concepção quanto os objetivos e conteúdos propostos encontrem-se inseridos nas diversas áreas do conhecimento e contemplem os três blocos de conteúdos sugeridos: corpo-matriz da sexualidade; relações de gênero e prevenção das doenças sexualmente transmissíveis/Aids, nas mais diversas áreas. Todos os gestores afirmaram que o tema Sexualidade está incluso na proposta política pedagógica da escola, cabe a esses profissionais buscar mecanismo para que esta orientação ocorra de fato nas escolas.

Quanto aos conteúdos relacionados ao tema sexualidade que estão incluídos nos currículos escolares dos anos finais do ensino fundamental, observou-se que 100% dos gestores que responderam ao questionário incluíram temas de ordem biológica como reprodução humana, menstruação, doenças sexualmente transmissíveis, métodos anticoncepcionais, mudanças no corpo. Notou-se que um dos gestores entrevistados apontou o tema da homossexualidade como um tópico relevante a ser abordado, reforçando a necessidade de se trabalhar a questão do preconceito.

A sexualidade engloba vários fatores e de acordo com as respostas, infelizmente, à abordagem psicológica e sócio-cultural do tema não apareceu em nenhum dos relatos, confirmando mais uma vez a concepção e a orientação dos programas de sexualidade na escola. Para Sayão (1997), contudo, na formação dos professores e no dia a dia das escolas, os conteúdos que tratam da orientação sexual estão longe de ser objeto de uma maior preocupação por parte dos professores ou das instituições que participam da sua formação.

Isto, principalmente, frente às demandas requeridas por maior qualidade, eficácia e resultados na aprendizagem dos conteúdos tradicionais - como Matemática, Língua Portuguesa e Ciências.

Analisando o questionário nota-se que os gestores relacionam a falta de material didático adequado como a principal dificuldade em trabalhar o tema da sexualidade. Apenas 2 (dois) dos professores apontam ter dificuldades em relação ao conhecimento ou informações para esclarecer dúvidas ou planejar programas e projetos de sexualidade na escola. Mas, ao mesmo tempo relatam, o interesse em saber como esse tema poderia ser trabalhado, que faltam recursos como, por exemplo, cursos que preparem o professor para lidar com o assunto.

Outra questão apontada por 2 (dois) dos gestores refere-se às dificuldades em relação à reação da família dos alunos. A escola, segundo Silva (1995), deve dar um suporte referencial, além de fazer uma ação paralela com a família, pois se devem ver quais são as reais necessidades que os alunos têm.

Um dado interessante que a pesquisa revela é que 4 (quatro) dos gestores relatam não ter tido nenhuma experiência significativa relacionada à sexualidade na escola, e 2 (dois) responderam afirmativamente, sendo um caso de gravidez e outro de abuso sexual, diagnosticado pela própria escola. Assim podemos observar a importância da escola em situações de crime sexual.

A pesquisa aponta também que dentro ou fora do ambiente escolar, as manifestações sobre sexualidade são constantes e aparecem de diversas maneiras ou de diferentes formas, segundo os gestores: carícias no próprio corpo, piadas, gestos, brincadeiras, palavras. É por isso que professores e gestores devem estar atentos e prestar orientações claras e adequadas. Não há como ignorar a existência destas manifestações, embora muitas vezes os professores não falem a respeito do assunto por julgarem que estejam incentivando seus alunos a ter relações sexuais ou pela dificuldade pessoal em lidar com o assunto. Sendo assim baseado nos PCNs:

Propõe-se que a Orientação Sexual oferecida pela escola aborde com as crianças e os jovens as repercussões das mensagens transmitidas pela mídia, pela família e pelas demais instituições da sociedade. Trata-se de preencher lacunas nas informações que a criança e o adolescente já possuem e, principalmente, criar a possibilidade de formar opinião a respeito do que lhes é ou foi apresentado. A escola, ao propiciar informações atualizadas do ponto de vista científico e ao explicitar e debater os diversos valores associados à sexualidade e aos comportamentos sexuais existentes na sociedade possibilita ao aluno desenvolver atitudes coerentes com os valores que ele próprio elege como seus (BRASIL, 1997).

A orientação sexual em escolas que realizam esse trabalho aponta para alguns resultados importantes: aumento do rendimento escolar (devido ao alívio de tensão e preocupação com questões da sexualidade) e aumento da solidariedade e do respeito entre os alunos. Quanto às crianças menores, os professores relatam que informações corretas ajudam a diminuir a angústia e a agitação em sala de aula. No caso dos adolescentes, as manifestações da sexualidade tendem a deixar de ser fonte de agressão, provocação, medo e angústia, para tornar-se assunto de reflexão.

Para que haja uma orientação de qualidade é necessário qualificação, 5 (cinco) dos gestores disseram que os professores estão preparados para trabalhar com a orientação sexual na escola, e apenas 2 (dois) assumiram que os professores não possuem preparação necessária e precisariam de cursos de formação específica para assumir tal responsabilidade.

É necessário que o educador tenha acesso à formação específica para tratar de sexualidade com crianças e jovens na escola, possibilitando a construção de uma postura profissional e consciente no trato desse tema. Os professores necessitam entrar em contato com suas próprias dificuldades diante do tema, com questões teóricas, leituras e discussões referentes à sexualidade e suas diferentes abordagens; preparar-se para a intervenção prática junto aos alunos e ter acesso a um espaço grupal de produção de conhecimento a partir dessa prática, se possível contando com assessoria especializada. A formação deve ocorrer de forma continuada e sistemática, propiciando a reflexão sobre valores e preconceitos dos próprios educadores envolvidos no trabalho de Orientação Sexual. É necessário que os professores possam reconhecer os valores que regem seus próprios comportamentos e orientam sua visão de mundo, assim como reconhecer a legitimidade de valores e comportamentos diversos dos seus. Tal postura cria condições mais favoráveis para o esclarecimento, a informação e o debate sem a imposição de valores específicos. (BRASIL, 1997).

Para encerrar o questionário foi perguntado a respeito da preparação do aluno pela escola para se tornar um futuro cidadão sexualmente responsável, dos entrevistados apenas 2 (dois) disseram que a escola ainda está longe de contribuir para este fim e, 5 (cinco) afirmaram que atualmente a escola já cumpre este papel. Conforme Sayão (1997) nos coloca, ocorre uma confusão entre “informação pura e simples” com “informações educativas”, calcadas na ciência. Em uma palestra, por exemplo, ocorre a mera difusão de informações, muitas vezes limitadas, na medida em que não há uma continuidade e conhecimento do contexto da escola. Mas, o que a diferencia da informação educativa? Na informação educativa há o reconhecimento do interlocutor a que se dirige a mensagem, ou seja, o professor “conhece” seus alunos, sabem de suas ansiedades, dúvidas. O médico/psicólogo, não.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através das análises realizadas, percebe-se que a sexualidade é pouco ou quase nada discutida e quando tratada é vinculada à genitalidade e a reprodução, ficando a cargo do professor de ciências abordá-la em suas aulas. Uma das dificuldades encontradas pelos gestores ao abordarem a sexualidade na escola está relacionada à falta de material didático e na incompreensão dos pais, pois, como alguns “não têm conhecimento” sobre o tema, acham que a escola está ensinando “coisa feia”, errada para os alunos.

O estudo demonstrou que não existem programas e projetos de orientação sexual desenvolvidos pelas escolas e as questões são abordadas de modo pontual e sem perspectiva de processo, mesmo os entrevistados sendo unânimes ao afirmarem que a orientação sexual está inserida no PPP das escolas, percebeu-se, durante esta pesquisa, uma dicotomia entre a teoria e a prática: que a teoria se revela de forma perfeita, mas, na prática, os modelos oferecidos pelas escolas parecem não condizer com a teoria. Por isso, torna-se fundamental a formação continuada de toda a equipe de profissionais da educação em relação à sexualidade.

REFERÊNCIAS

AQUINO, G. A. **Sexualidade na Escola: Alternativas Teóricas e Práticas**. 3º ed. São Paulo: Summus, 1997.

BELLO, J.L.P. Metodologia Científica. Disponível em: <www.pedagogiaemfoco.pro.br> Acesso: ago de 2010.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade Cultural e Orientação Sexual. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CARVALHO, E.J.G.; FAUSTINO, R.C. (Org). **Educação e diversidade Cultural**. Gênero, sexualidade e educação: questões pertinentes à Pedagogia. 2008.

FIGUEREDO, L.M.S, BANDEIRA, M.L. **Sexualidade: aspectos do cotidiano da sala de aula**. Cuiabá: Edunic, 2000.

RIBEIRO, P.R.M. **Educação Sexual Além da informação**. São Paulo: Pedagógica e universitária, 1990.

RIBEIRO, M. **Educação sexual: novas idéias, novas conquistas**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social: Métodos e Técnicas**. 3. ed. SP: Atlas, 2010.

SAYÃO, Y. **Orientação Sexual na escola: os territórios possíveis e necessários**. In: Aquino, J. G. **Sexualidade na Escola: alternativas teóricas e práticas**. 3. ed. São Paulo (SP): Summus Editorial; 1997.

SILVA, E.; NUNES, C. **A educação Sexual da Criança: Polêmicas do nosso tempo**. Campinas-SP: Autores Associados, 1995.

SUPLICY, Marta *et al.* **Sexo se aprende na escola**. 2. ed. São Paulo: Olho d'Água, 1999.

WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, G. L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p 34-82.

YUS, Rafael. **Temas transversais: em busca de uma nova escola**. Porto Alegre: Artmed, 1998.